

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 10 DE DEZEMBRO DE 1887

VOL. III-N. 154

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO.

Expediente.....	
Notas para a nossa historia.....	Capistrano de Abreu
A uma santa, poesia.....	Arthur Barbosa.
Litteratura brazileira.....	Araripe Junior.
Meio-dia, soneto.....	Alvaro Martins.
Julia Lopes.....	Octavio Mendes.
A traição de Celabar, poesia.....	J. Norberto S. S.
Contes a lepis.....	Amílcar Xarpot.
Recuerdos, poesia.....	João Ribeiro.
Estudos da Litteratura Brazileira.....	Sylvio Romero.
Amor e tédio, soneto.....	Olveira e Silva.
Dia de gala.....	Raul Pompeia.
31 de Outubro, soneto.....	Isidoro Martins J.
O combate da passagem da Laguna.....	Dr. Gama Roza.
A pyrausta e o homem, poesia.....	Avellar Brotero.
Theatros e diversões.....	
Diversas publicações.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

CÓRTE E NICTHEROY

Semestrs.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Ssmestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

As assignaturas tomadas e pagas desde já vigorarão:  
as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empreza desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atraso a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno corrente.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.  
Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;  
Max Fleiuss, na cidade de S. Paulo.  
Virgilio Varzea, na cidade do Deserto (Santa Catharina).

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.  
— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.  
— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos nm dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

## Notas para a nossa historia

III

O *Tratado* de Gandavo refere-se á fundação do collegio dos Jesuitas no Rio de Janeiro, iniciada em 1567; é-lhe portanto posterior. A entrada de Martin Carvalho deve ter sido antes, não só por que Gandavo já a dá por terminada, como por dizer que o chefe se mudara para a Bahia, o que presuppõe certo praso entre os dois factos. Que tal praso effectivamente interveio leva-nos a concluir o silencio de Gabriel Soares. Chegando a Bahia por 1567, elle teria mencionado o feito se tivesse occorrido em seu tempo, como fez a proposito de Sebastião Fernandes Tourinho e Antonio Dias Adorno.

Poder-se-á perguntar si a entrada de Martin Carvalho não coincidiu com alguma das de Tourinho. A' primeira vista assim parece, porem exame mais detido revela particularidades que não permitem identifiical-as.

Bem estudada, a facção de Martin Carvalho reveste dois caracteristicos: primeiro que não foram encontradas as pedras verdes, a cuja procura partiu a expedição; segundo que a volta foi pelo rio Cricaré. Ora Tourinho sm uma das expedições não encontrou as pedras verdes, mas nesta fez a volta pelo Jequitinhonha. Em outra não se diz por onde tornou, deve ter sido, sinão pelo Cricaré ao, menos por algum dos rios concurrentes; infelizmente para a hypothese, desta vez elle descobriu as pedras verdes. Portanto a identificação é impossivel.

Antes de saber qual das duas entradas de Sebastião Fernandes Tourinho foi a primeira, conviria talvez discutir a affirmativa de Varnhagem, que reduz as duas entradas a uma só. Apesar de seu grande peso, esta affirmativa não importa ao caso: em primeiro logar porque o autor não a fundamenta e pôde ser antes um descuido que uma convicção; em segundo logar porque o exame do texto de Gabriel Soares, unico documento de que elle e nós dispomos, torna hem claro que é impossivel reduzir a viagem que so teve por theatro a hacia do rio Docs á que estendeu-se até o Rio de Janeiro.

Qual teria, pois, sido a primeira das duas expedições?

Note-se o seguinte: em uma—Tourinho anda á ventura pelo sertão, sem saber onde se acha, até chegar á serra dos Orgãos que não procurava, tanto que apenas a avistou, immediatamente retira-se para o Norte; sm outra—elle não sae da barra do rio Doce: penetra um pouco para o Sul e para Oeste, mas depois torna de novo ao rio, passa a sua margem esquerda, circumscrevendo seu campo de acção. Não é evidente que em um caso trata-se de uma viagem emprehendida sobre informações vagas,

por quem não adquirira ainda as experiencia do sertão, ou não entendera as indicações pouco precisas de seus guia; em outro por quem já adquirira experiencia e sentira limitado o campo de exploração? A viagem do Jequitinhonha deve, pois, ter sido a primeira.

Circunstancia notavel da narrativa de Gabriel Soares é que de uma viagem elle diz por onde voltaram, ou outra diz apenas por onde partiram. Talvez que as seguintes considerações supram até certo ponto esta lacuna.

Na primeira viagem foi ponto de partida para Tourinho a capitania de Porto Seguro, donde já o tinham precedido Spinosa e Carvalho. Nem um dos dois descobrira cousa alguma, porem o primeiro trouxera boas noticias, e o segundo só se retirara por falta de recursos. Não havia duvidas nem quanto á realidade do objecto nem quanto á possibilidade da empreza. E' muito natural pois que o caminho preferido fosse o Jequitinhonha.

Si Tourinho o tivesse seguido fielmente como era costume, não se teria perdido, porque não ha fio de Ariadno comparavel a rio; por conseguinte a sua marcha á ventura deixa concluir que elle apartou-se deste caminho natural, talvez na zona em que as cachoeiras amudadas tornavam difficil a navegação. Dahi elle foi marchando talvez á procura do rio de S. Francisco, cuja bacia percorreu por grande espaço até chegar a algum affluente do Parahyba, nascido da Mantiqueira, que lvasse-o á vista da serra dos Orgãos. Pôde-se portanto caracterisar esta viagem como a mais occidental.

A admittir-se a suggestão aqui apresentada, comprehende-se o motivo por que Sebastião Fernandes Tourinho escolheu na segunda viagem o rio Doce por ponto de partida. Não devia ser agradável para quem gozava da fama de saber muito hem marcar a altura do sol, andar largos mezes pelo sertão, não achar as pedras a cuja procura entrara, transviar-se até chegar ao Rio de Janeiro, e depois de tantos esforços conseguir apenas voltar por um affluente ao mesmo rio por que subira.

Quanto á segunda viagem, conhece-se a ida; a volta pôde-se até certo ponto calcular. Sabemos que o rio Aceci (Suassuby?) ficava na margem esquerda do Doce; que já deviam ser familiares a Tourinho as circumjaccencias do Arassuahy que lhe ficam proximas; que a serra das Esmeraldas é um dos hracejos da dos Aymorés; que Tourinho encontrou as esmeraldas. Portanto o seu roteiro deve ter sido por qualquer dos rios que manam dahi. Qual, não é possivel dizer com precisão; mas o facto delle ter indicado o rio de Caravellas. a Antonio Dias Adorno como o melhor ponto de penetrar no local das pedras verdes, o facto de Antonio Dias Adorno havel-as descoberto novamente incli-

nam a crer que o rio preferido não ficava muito longe deste.

No proximo artigo tratarei da expedição de Antonio Dias Adorno. Para estudal-a, os documentos são um pouco mais abundantes. Gabriel Soares dá algumas informações. Frei Vicente de Salvador dá outras, e uma carta ainda inédita do padre Ignacio de Tolosa acrescenta circumstancias até hoje desconhecidas.

CAPISTRANO DE ABREU.

## A UMA SANTA

Quem te pudera levar  
Para te por num altar!

A do *Onofre*.

Adoro-a como se adora  
A uma santa no altar;  
Da minha vida é a aurora  
O olhar!

As suas mãos primorosas  
Parecem feitas de arminho,  
Servindo ás aves mimosas  
De ninho.

O collo branco de espuma  
Parece feito da rosa  
Que o hello corpo perfuma,  
Cheirosa!

Os seus setineos cabellos,  
Tão negros como aseviche,  
Parecem lindos novellos  
De onix!

Na sua bocca rosada  
Vejo dançar dsilrante  
Aquelle sorrir da fada,  
Brilhante.

Da minha vida é o templo  
Aonde vélo a scismar:  
Quem dera dar-lhe o exemplo  
De amar?...

Oh! quem me dera eu tél-a  
N'uma redoma guardada,  
Como se fosse uma estrella,  
Amada,

Para ao romper da manhã,  
Como se beija a uma santa,  
Beijar-lhe a face louçã,  
Que encanta!

ARTHUR BARBOSA.

## LITTERATURA BRASILEIRA

Ponto de vista para o estudo da historia litteraria do Brasil. — 1 Os tres factores e as exaggerações parciais de Taine, Ott. Muller e Nisard. — 2 Todos nós exageramos o momento. Acção e reacção. — 3 O verdadeiro methodo. A loba do sophisma. Material de estudo. Classificação. Questões abertas. — 4 O seculo XVI. Necessidade de limitar o assumpto. — 5 O meio. Leis phisicas e mentaes segundo Th. Buckle. Sua applicação ao Brasil. — Obinubilização do colono.

1.—E' muito difficil, na execução de qualquer trabalho de critica e principalmente em uma historia litteraria, escapar ás tendencias do proprio temperamento. O critico de ordinario exaggera uma das tres condições da arte, dando mais importancia ou ao meio, ou a raça, ou ao momento. S. Reinach é, por exemplo, de opinião que a raça sobreléva em valor a todos os outros factores sem desconhecer as exaggerações de Ott. Muller quanto a raça e as de Taine e Nisard quanto aos mais. (1) E' preciso convir, porem, que em todo esse processo não ha tanto uma questão de predilecções como de necessidade de clareza; nem sempre se podendo dizer que seja isso o resultado do desconhecimento das leis correlativas aos factores que analysamos.

A importancia de qualquer um delles depende não só do ponto de vista em que se houver collocado o historiador, como do publico para quem escrever, do paiz sobre que dissertar e da especialidade a que se quizer cingir. Não ha a menor duvida que, tratando-se de litteratura geral, todos os factores alludidos deverão ser tratados em perfeito pé de egualdade. Mas, si, por exemplo, como Renan, pensarmos em traçar a historia das linguas e litteraturas semiticas, é manifesto que o facto de não se dar precedencia á ethnologia notivaria grandes lacunas nesse trabalho, e, o que mais é, o tornaria incapaz de suggerir novas idéias. Era o que teria succedido a Ott. Muller, quando estudou a corrente litteraria indoeuropea. O esquecimento do meio e do momento teria sido deplorabilissimo, si o seu fim principal não fosse demonstrar a existencia daquella corrente. Taine, por seu lado, exaggerando o meio, encontra a sua justificação na circumstancia de se ter concentrado na historia da litteratura iogleza. Como é sabido, as tendencias de raça na Inglaterra estão muito em evidencia; as linhas ethnologicas allí são nitidas de mais para que o critico se preocupasse com ellas. De resto, accetio o fundo commum, o seu officio limitou-se a destacar a feição que os arianos insulares tomaram, depois de forçados a um genero de vida particular, o que constitue o nervo da historia iogleza, e explica tanto a sua politica, em Cromwell, Pitt, Burke, como a sua litteratura, as suas artes, em Chaucer, Shakespeare, Byron, Bunian, Swift, Sterne, Byron, Hogarth. Acresce a isto que o seu processo está explicado, e nelle se acham comprehendidas todas as forças que podem influir na formação da mentalidade de um povo.

No prefacio de um de seus livros o eminente critico definiu de modo positivo o methodo de que tem se servido para chegar as suas conclusões. « Em um grupo humano qualquer, diz elle, os individuos que attingem maior au-

toridade e mais extenso desenvolvimento são aquelles cujas aptidões e inclinações correspondem melhor ás do grupo. O meio moral, do mesmo modo que o meio physico, actua sobre cada individuo por excitações e repercussões continuas: este meio faz abortar uns e crescer outros na proporção exacta da concordancia ou do desacordo que se manifesta entre si. Este trabalho surdo constitue uma especie de escolha que, por uma serie de formações e deformações imperceptiveis, sob o ascendente do meio, produz no scenario da historia artistas, philosophos, reformadores religiosos, politicos, capazes de interpretar ou realisar o pensamento de seu tempo e de sua raça, da mesma maneira que no scenario da natureza as especies de animaes e de plantas as mais capazes de accommodarem-se ao clima e ao solo. »

E' o principio de Darwin, sobre a selecção natural, applicado as manifestações intellectuales e affectivas, em toda a sua extensão.

2.— Quanto ao momento, que não é outra cousa mais do que aquillo que o hom senso chama oportunidade, não é só Nisard que o exaggera. Todos o fazem a seu modo.

O momento é um phenomeno muito complexo e quasi intangivel. Verdadeiro *vismara*, elle toma a cor da arvore em que pousa. Cada um define a occasião e a explica segundo a educação que recebeu.

O meio determinou o apparecimento das raças e as modificou consecutivamente. As raças alteraram-se depois e diminuíram a sua influencia immediata; assim artificializado, o meio passou a exercer uma acção indirecta, porém muito mais complexa e importante. O homem sempre orgulhoso, oppoz-lhe as resistencias de que dispunha, e acabou por convencer-se de que nada tinha de commum com o ambiente, creando por este modo as theorias antropocentricas; e nesse movimento clonico dentro do qual progride a humanidade, quasi chegou a perder a noção do fundamento capital de sua historia, vacilando eternamente encerrado no circulo de Pascal, cujo centro está porto da a parte e em parte nenhuma. No fim de tudo, poder-se-á definir o momento — o estado dos factores *imediatamente anterior* á produção de um phenomeno capaz de gerar no homem social um estado de consciencia claro o positivo.

Entretanto certa escola attribuirá tal facto á intervenção exterior da natureza; tal outra procurará na profunda abstracção a sua logica, o *nomos* do vontade humana; outra, ainda mais afouta e menos segura, confundirá os elementos mais antagonicos, baralhará as noções mais exactas, para extrahir de accidentes futeis, de verdadeiras hagas, como o somno de Dario, o nariz de Cleopatra, o abcesso de Francisco I, a fistula de Luiz XIV, o motivo dos mais assombrosos movimentos, que tem agitado o mundo, e do microscopo, influências chemicas tão poderosas, que espantariam o proprio poder do Deus do Pentateuco. (2)

3.— E' preciso, pois, que não nos preocupemos com esses desvios da intelligencia, e que, atravez de semelhante floresta dantesca, busquemos na sombra a mão amiga de um Virgilio; e que a loba do sophisma e da falsa eru-

dição desapareça diante do verso celehre do poeta florentino.

E' facil comprehendere que, tratando-se de escrever a historia da litteratura brasileira, deve-se á tomar todas as cautelas contra a diffusão das idéas. A primeira condição de exito, portanto, repousa na concentração inteira da attenção do critico no seu assumpto — o Brazil, isto é, na reunião do material historico e na obtenção das suggestões de que esse material seja susceptivel por sua originalidade. Sem este processo preparatorio, será impossivel alcançar a mão de Virgilio, nacional.

O estudo dos documentos divide-se naturalmente em cinco secções: A) documentos relativos á terra do Brazil; B) documentos concernentes á invasão da terra; C) documentos sobre a acção do homem e transformação da terra; D) documentos attinentes ao *folk lore*, tanto transoceânico, como indigena; E) productos litterarios conscientes encontrados no archivo da historia patria.

A simples menção destes materiaes dá idéa da marcha que ha de tomar o critico para chegar ao desenvolvimento completo de sua obra. Com razão affirma um dos sabedores da critica moderna, que um *methodo* indica uma obra por fazer e um *systema* uma obra feita e acabada. No caso vertente é preciso que o historiador seja alguma cousa mais do que um mestre de obra feita. Si se aferrar a um *systema* exclusivo, o seu trabalho será em pura perda. Para ser original, portanto, é indispensavel que adopte um *methodo* aberto, como recommenda a nova escola philosophica iogleza, — um *methodo* que seja capaz de supportar todas as tendencias individuais em agitação.

4.— Não obsta isto, devo acrescentar que o *methodo* adoptado para explorar a historia do seculo XVI no Brazil deve differir, eu muito, do que terá de ser applicado ao estudo dos seculos seguintes. A razão é obvia. Os seculos no Brazil são perfeitamente independentes. Só ha dous periodos que se explicam; são os dous ultimos. Quanto ao primeiro, é evidente que, procedendo de fóra o movimento, a sua historia tem o eixo no centro da metropole. Neste caso, não se trata propriamente de historia do Brazil, mas de Portugal; e como a nossa é uma historia particular, — especial —, o que se conclue é que seremos obrigados a abandonar as influencias geraes conhecidas, ou indicadas apenas, para acompanhar o *factor*, que durante aquelle tempo mais concorreu para dar cor á vida no Brazil. Já se vé, pois, que durante o seculo XVI, pelo menos, pouco ou nada importam, sob o ponto de vista litterario, as influencias ethnicas, que só vem a mostrar-se, de modo sensivel, do seculo XVII por diante, em Gregorio de Mattos e outros.

Aos olhos do colono, o selvagem desaparecia confundido com o tapyr, com o jaguar e tantas outras bestas feras, que povoavam as florestas. O homem, como o animal bravo, entrava apenas no *mise-en-scène* como decoração da terra novamente descoberta; constituia um elemento pittoresco, de surpresa ou de terror, si é que muitas vezes não se amalgamava com o proprio sólo, deixando de sua importancia sociologica impressões apenas superiores ás que produziam, como resistencia bruta, as montanhas, os grandes rios, as cataratas, as inattas insondaveis e a vastidão regional. No seculo XVI,

portanto, o estudo deve limitar-se á acção *caalíptica* exercida pela nova terra na chimificação da psychose do colono.

5.— Antes de tudo, cumpre-me ponderar que o meio physico não é euetadado aqui como influencia prehistorica, o que seria o maior dos absurdos, mas como influencia e determinante de ordem *psychologica*, mas do um valor tão grande, que chega a assombrar o obseador, por sua obra de *neutralização temporaria* de habitos de raça, principios de educação, idéas religiosas, de tudo, emfim, quanto pôde constituir o peculio de um povo que envia aventureiros *atravez de mares nunca dantes navegados*.

As variações do recalque, que a conformação e os aspectos da terra imprimem na feição moral de povos de origem commum, e que, por essa razão offerecem hoje differencições extraordinarias, tem sido objecto das investigações de varios philosophos e naturalistas; e em vista do que a este respeito disseram Hooker, Lyell e Darwin, se pôde presentemente affirmar com toda a segurança que, entre todas as causas determinantes das distribuições geographicas, nenhuma tem maior importancia nem se prende com mais evidencia ás leis do transformismo do que o *mimetismo*, isto é, o processo instinctivo de adaptação de que as raças e os individuos lançam mão para illudirem a natureza não serem aniquilados por um meio hostil.

Hegel já suggerira esse ponto de vista, tratando da Hollanda, e Gothe, poeta e ao mesmo tempo naturalista, não deixou o facto passar despercebido. V. Hugo, com a sua intuição de propheta, escreveu no *Noventa e tres*: « A configuração do sólo aconsella ao homem muitas acções. Ella é mais cunplida do que se pensa. Diante de certas paisagens medonhas a gente tem vontade de innocente o homem o culpado a criação. O deserto é ás vezes funesto á consciencia pouco esclarecida. » A força suggestiva dos aspectos exteriores do mundo é evidentemente tanto despótica sobre o homem, que mais de um escriptor, impressionado pelos seus effeitos tem tentado basear sobre ella todo o movimento da historia, ora prendendo-a á lei das altitudes, ora á das longitudes, ora á das latitudes. Karl Ritter, por exemplo, chegou a subordinar as emigrações dos povos ás formas dos continentes. (3)

H. Buckle, em todo caso o mais admiravel de todos, procurou systematisar essas influencias *psychologicas*, de modo a conciliar tudo quanto existe de vago na complexidade de tantos elementos verificados pela sciencia contemporanea. Verdado é que o notavel historiador, preso a um tal ou qual dogmatismo, resultando das categorias impostas pela escola de A. Comte, tratou com profundo desprezo tudo quanto diz respeito ás origens ethnologicas. « Como todo os antecedentes, diz elle, ora estão no espirito, ora fóra do espirito, é evidente que todas as variações ou mudanças na historia e vicissitudes da raça humana, progressos e decadencia, felicidades ou miserias são o fructo de uma dupla acção; acção dos phenomenos exteriores sobre o espirito e acção do espirito sobre os phenomenos... Temos o homem modificando a natureza, e a natureza modificando o homem: desta reciproca modificação

(1) S. Reinach, *Philologie classique*, I, 130.

(2) Paul Mougeollo, *Les problemes de l'histoire*, 3.

(3) 3 Obr. cit. 97.

sahem necessariamente todos os acontecimentos.» E logo adiante acrescenta que ao historiador pertence obrar como mediador. «Estabelecer as condições desta união é fixar as bases da historia. Com effeito, desde que a historia se occupa das acções dos homens, desde que estas acções são productos unicamente da colisão entre os phenomenos interiores e exteriores, torna-se indispensavel examinar a importancia relativa destes phenomenos. (4)»

Tomando este ponto de vista, o historiador divide as leis da historia em physicas e mentaes. Vê-se, entretanto, que o que Buckle entendo aqui por leis physicas não passa de uma serie de influencias de natureza puramente psychologica, exercidas pelo ambiente sobre as faculdades, muito differentes das que entram na morphologia organica da especie humana. Neste caso, para elle, a historia não vae alem de um capitulo de psychologia descriptiva. As verdadeiras leis physicas, isto é, as leis de selecção natural, herança, adaptação etc., ficam totalmente fóra do seu quadro.

Sabemos que a historia verdadeiramente só apparece aonde acaba a paleontologia, isto é, quando o homem, e portanto a sociedade, toma conhecimento de si mesmo. As suas transformações organicas, dahi por diante, tornam-se quasi inapreciaveis, e a evolução humana passa a ser apenas descriptivel no que diz respeito ao mundo das concepções. Começa a luta das adaptações mentaes e a genese de toda essa teia, que constitue a apparente confusão da vida. Apezar disto, porém, os elementos anatomicos e o estudo de suas modificações são indispensaveis, desde que se trata de explicar os movimentos inconscientes, que se operam no proprio corpo social e lateralmente áquelle outro. E' evidente, pois, que o auctor da *Historia da civilização na Inglaterra* confundiu leis, que actuam directamente sobre o organismo com leis, que se referem simplesmente ás funções cerebraes, porquanto essas leis, que elle collocou na classe das influencias organicas, não são senão obstaculos ou facilidades offerecidas ao exercicio de funções já creadas pela acção cosmica, e que se reflectem do um modo puramente psychico na vida humana.

Neste ponto, parece-me que ha mais clareza na exposição de Sergi. O illustrado professor de anthropologia da Universidade de Roma, para representar o mesmo phenomeno, traça um diagramma, no qual se vê um ponto, que indica o individuo envolvido por cinco circulos concentricos; o 1º representa a familia, o 2º a cidade, o 3º a nação (*raça*), o 4º o elemento internacional (*fra raça*), o 5º o ambiente physico. «O individuo, deste modo, vive em um ambiente limitado e primitivo que é a familia, que vivo em outro ambiente maior, que é a cidade, a qual por seu turno faz parte de um ambiente ainda mais vasto, que se chama nação, raça; e emfim esta mergulha-se num, vastissimo, que é o mundo das nações. O individuo é o centro de uma esphera, composta de espheras concentricas, das quaes a mais externa e universal é o ambiente physico. Nos povos primitivos e selvagens essa esphera é mais restricta; as espheras concentricas são menores; as influencias e os ambientes maiores, são os da tribu e da raça» (5).

(4) Th. Buckle, *Historia da Civilização na Inglaterra*, 1, 27, 28, 41.

(5) Sergi, *L'educazione del carattere*, 48 e 49.

Sem embargo porem, dessa limitação, a systematisação, de Buckle serve perfeitamente aos intuitos acima indicados sobre a historia do Brasil no seculo XVI, porque é n'essa epoca que se verifica verdadeiramente quanto pôde sobre as forças moraes do homem a pressão exterior. Tem, pois, toda a applicação ao Brasil estas palavras — que, «nas civilizações exteriores á Europa, a natureza conspira para augmentar a influencia das faculdades imaginativas e enfraquecer a razão».

6. No Brasil, pelo menos durante todo o seculo XVI, essa lei operou-se com violencias extraordinaria; e a historia do desbaratamento esthetico e moral porque passaram os portuguezes e hespanhoes, transpando o oceano e procurando um novo habitat na America do Sul, daria uma explicação summaria de todas as transformações produzidas por exodos subitaneos, como foram o dos Judeus, depois da estada no Egypto, e o dos barbaros asiaticos, depois de transportados ao ultimo occidente.

A esse phenomeno, durante o qual, como se vê, adelgaçaram-se, atenuaram-se todas as camadas de habitos, que suhordinavam o homem á civilização, abriu-se uma fenda na stratificação da natureza civilisada, para dar passagem á poderosa influencia do ambiente primitivo; a esse phenomeno, que se accentua a cada passo no movimento da vida colonial ou aventureira do seculo XVI, poder-se-ia dar o nome de OBINUBILAÇÃO BRASILEIRA, e sem duvida sobre elle deve basear-se toda a theoria historica d'aquella epoca indecisa.

Qual foi o sentimento (que se gerou no portuguez, logo que se sentiu abandonado ás suas proprias forças no solo americano)?

Qual a nova direcção que tomaram de suas faculdades estheticas, em consequencia dessa queda psychica, ou para exprimir-me melhor — dessa regressão ao typo mental immediatamente inferior por desagregação da placenta européa?

Eis o assumpto exclusivo que serviria de texto a historia litteraria do nosso primeiro seculo.

A resposta é summamente complexa, e só pode ser satisfatoria, si for acompanhada da descripção do processo pelo qual se operou a obinubilação do portuguez no Brasil, e, mais que tudo, da analyse das forças que determinararam facta tão interessante.

ARARIPE JUNIOR.

## MEIO DIA

(CEARA)

A FRANKLIN TAVORA

E' meio-dia, a pino, o sol ardente,  
Como um cofre de liquido thesouro,  
Derram' sobre a terra incandescente  
Uma chuva de ouro...

A' sombra dos frondosos vegetaes,  
Das cachoeiras á sublime orquesta,  
Dormem placidamente os animaes  
No seio da floresta...

Zumbe o insecto doirado — e a linda abelha  
Pouza no calix d'uma flor vermelha,  
Como sobre uma taça d'ambrosias...

E a alegre passararia eu douda festa,  
Vae enchendo de amor toda a floresta  
Num poema de ethereas harmonias.

ALVARO MARTINS.

## JULIA LOPES

De ha muito que estou incorrendo para com esta distincta escriptora em falta gravissima.

Amavel como sempre, logo que eahiu á luz o seu novo livro *Traços e Illuminuras*, ella enviou um exemplar a redacção d'A *Provincia de S. Paulo* de que tenho a honra de fazer parte; entretanto que só agora me levanto para agradecer-lhe a gentileza e contar aos leitores as impressões que me deixou a leitura dos contos de Julia Lopes.

Verdade é que assim não procedi por grosseria, mas porque estando a braços com o acto do meu 3º anno juridico, só agora posso respirar desfogadamente e de novo entabolar com a litteratura as relações que, pelo menos ha 3 mezes de todo interrompi. E o meu primeiro trabalho, depois de ler e rler Carrara, Teixeira de Freitas, Ribas e Tobias Barretto, é, por certo, este de que estou dando contas ao leitor.

Em Julia Lopes sempre houve duas entidades que, por muito raras em nosso paiz, sempre me impressionaram a escriptora e a mulher.

Conheci-a ha tempos, em Campinas, cidade que, embora adiantada, não deixa de ser uma cidade do interior. Alli tudo é pequeno, desde a politica até a litteratura. Quanto a esta posso ate hem dizer que não existe. E tanto assim é que jámais uma livraria, por modesta que fosse, conseguiu alli fazer carreira.

Foi pois nesse meio que surgiu Julia Lopes, uma escriptora em Campinas! Uma moça subscrevendo artigos de jornal! Espanto geral dos pobres provincianos, que sobre a missão da mulher na sociedade não parecem estranhar de accordo com Georges Sand ou Maria Amalia.

Li, portanto, os contos de Julia Lopes e confesso que a principio, os não apreciei.

Fosse porque os passos da incipiente ainda não denotassem habito bastante de escrever, fosse porque eu n'esse tempo ainda entendesse de litteratura tanto quanto de grego, o certo é que não apreciei muito os escriptos de Julia Lopes.

Mas recordo-me perfeitamente de que, si a escriptora ainda não conseguira triumphar das minhas poucas disposições para a litteratura, uma outra cousa já me havia impressionado na pessoa de Julia Lopes: era a mulher.

Com effeito, em Campinas, ali nesse meio ainda tão pequeno, aquella moça de fronte intelligente e sympathica, incapaz de fazer um cumprimento sem acompanhá-lo immediatamente do sorravel sorriso que lhe é peculiar, confesso que me chamou logo a attenção.

Sim, porque si os meus leitores da Corte não sabem o que é uma cidade de provincia, eu lhes conto. As moças fogem dos rapazes ás leguas. Em qualquer lugar onde estejam, na igreja ou no theatro, na *soirée* ou no passeio fazem-lhes uma cara patibular e feia, tão feia, que chega a desanimar aos mais valentes. Ora, o que resulta d'ahi? Eshelecer-se entre os representantes jovens dos dois sexos uma separação quasi completa e absoluta. As moças só conversam com as suas iguaes ou com os velhos e as velhas. Os rapazes do seu lado, fazem o mesmo.

Pois bem. Foi mais ou menos neste meio que conheci Julia Lopes; e mais uma vez confesso que chamou-me a attenção aquella moça que sempre correspondia com um sorriso a todos que a comprimentavam, ao passo que as outras ou não respondiam, ou faziam-n'o com um simples inclinar de cabeça, severo, patrischal; que sahia conversar tão bem como um homem sobre artes ou littertura como, sabia costura ou bordado, como uma mulher; que distinguia-se, emfim, tanto de suas companheiras, pelos modos gentis e delicados, pela educação e modestia, que forçoso era admirá-la.

Ao mesmo tempo, a intelligencia fosse-me esclarecendo á proporção que todos os mysterios da litteratura iam se destruindo com as minhas leituras. Foi então a vez de apreciar a escriptora.

Recordo-me ainda perfeitamente de um conto de Julia Lopes em que a escriptora dizia, si não me falla a memoria, não acredito na paixão repentina. Oh! que critica não foi esta confissão!

Sim, leitores, porque as nossas moças do interior julgam um escandalo fallar-se de amor em sua presença!

Entretanto, quem poderia com mais graça que as moças, discutir as affeições humanas? Que homem poderia analysar o verdadeiro amor com o sentimento e a delicadeza da mulher? Qual o romancista capaz de ter escripto *Cenouelo*?

Sim, que não basta ser poderosa e vestir com garbo uma saia para poder representar dignamente o bello sexo. A mulher não nasceu para ser ignorante e saber discutir unicamente o melhor modo de preparar um peixe ou fazer um bordado. Não é tão fraca a sua intelligencia que não possa conhecer as evoluções da litteratura e o modo mais brilhante de hurrilar um conto ou um soneto.

Foi nestas disposições que li os *Contos Infantis*, primeira tentativa litteraria de Julia Lopes.

Apreciei-os bastante. Já alli se notam muitas paginas adoraveis de belleza e sentimental realidade. Mas ainda era uma tentativa muito medrosa.

Agora, porém, com os *Traços e Illuminuras* o caso é outro. A escriptora, na posse plena das suas qualidades, expurgiu a linguagem de alguns pequeninos defeitos e alargou os horizontes da imaginação.

Ha nesse livro da distincta litterata alguns contos dignos de Banville e Mendés. Taes são *Acta est fabula*, *Irmã Christina*, *Memorias de um leque*, *As violetas*. A miniatura *Confessor e Penitente* é de uma delicadeza propria de uma mulher, e de mulher intelligente.

Taes foram as impressões que me deixou a leitura dos *Traços e Illuminuras*, impressões que transmitto aos leitores com a maior franqueza, n'um estylo rebelde e selvagem, que não tive tempo de castigar. Ah! é tão difficil escrever uma bella pagina de prosa!

Eu até penso com o grande Flaubert, que uma bella pagina de prosa é duas vezes mais difficil de escrever que uma pagina de bons versos...

Os senhores do *Parnaso* que me desculpem.

S. Paulo, 30 de Outubro de 1887.

OCTAVIO MENDES.

# A TRAIÇÃO DE CALABAR

## CANTO EPICO

Prompto a deixar a rustica choupana  
Em que vira nascer seus caros filhos,  
— Prole de amor — penhores da existência,  
Nagô, que o nome lhe recorda a patria,  
Estas tristes idéas revolvia  
Na mente afflicta, como repellindo  
A vingança que a alma lhe abrazava,  
— Cruel inspiração — sonho do inferno :

— « Recostado ao machado que derruba  
O grosso tronco de elevada copa,  
Ardia-me a cabeça em vivas chammas  
E da face o suor cahia em bagas...  
Tinha estes fortes braços fatigados  
Do longo derribar, porém em premio  
Via contente pelo chão roja-los  
Os gigantes do ermo que na queda  
Rugiram como ruga a tempestade.  
Era já posto o sol; amena e grata  
A viração da tarde suspirava  
Entre as cahidas resequidas folhas  
Das abatidas arvores do monte,  
Como um sopro de vida que em vão passa  
Pelas lividas faces do que morre  
Sorrindo-lhe a frescura da existência...

Lá repousando das cançadas lidas,  
Buscando restaurar perdidas forças  
Ah só não respousava a alma que vinha  
Sentar-se na senzala entre os filhinhos,  
Em os braços da esposa! E errantes olhos  
De entorno ao tecto da palhoça escura  
Procuravam a mulher entre as crianças...  
Lá se entretinham ellas em corridas  
Em falsas lutas e infantis brinquedos,  
— Prazeres de seus paes — e a mãe? Embalde  
Resoara a buzina da fazenda,  
Tão grata ao escravo se o repouso o chama;  
E a perfida cruel faltou, não veio!

« Oh! ella estava lá!... Lá entre sedas,  
— Lá entre trastes de lavor custoso;  
Lá onde soam handolins e cravos  
Oppostos á marimba da senzala.  
Rude — porém mais grata ao triste escravo;  
— Lá entre essa riqueza produzida  
A custo do suor de nossos braços,  
Que dia e noite nutre a vida e os gosos  
E até — cumulo de horror! — os proprios vicios  
Do barbaro senhor! — Lá sim, lá mesmo  
Entre seus braços — que nos roubam tudo!...

« Ah elle mesmo deu-m'a por esposa,  
Ligou-nos ante o altar o sacerdote  
Até a morte, mas benigna que elle  
Que só pelo prazer de seus desejos  
Pôde mais que a razão e que a justiça,  
Tanto se insulta a lei que ensina o Christo!

« O escravo é vil... Ferrenha e dura sorte  
— Ai triste condição! — degrada o homem!  
A ignorancia fatal que embrutece  
Consente que grilhões lhe algem pulsos;  
Aveza-se a servir, e serve e ri-se  
Entre o zunir do lathego terrível  
Sem mais futuro que esperar a morte,  
E tango — sem chorar! — o instrumento  
Que aprenderá a tanger do pae e amigo;  
Nem mais se lembra a terra em que nasceu!

« E quem é culpado? E' elle? E' ella?  
— E' elle que só manda qual tyranno  
E em punho o açoite, accena com o castigo?  
— E' ella que por sina tem prestar-se  
Até ao mais injusto e vil desejo?  
O são ambos pois ambos delinquiram!  
— Um abusou da lei e seus direitos,  
— Outra... não fosse o seu amor mentira  
Que ser-me-hia fiel até a morte!  
Oh são ambos! São ambos! E o machado  
— Funesta tentação — fulge a meus elbos,  
Inspira-me vingança... mas ó fado!  
Junto ao meu coração também palpita  
Os tenros corações de meus filhinhos,  
— Amargos fructos do consorcio infausto!

« Não, o escravo não tem mulher nem filhos!  
— Raça de servos — somos como gado,  
Redroduzimos para dar — escravos,  
— Para mais complicar nosso destino  
E o destino também de nossos filhos,  
Filhos da escravidão — fatal herança!

Pois recebem dos paes o captivo  
Que o berço lhes emhala ao som dos ferros!  
E se ainda a pezo de ouro conseguimos  
Remir os ferros libertando a vida,  
Ob que pezar não temos vendo o pranto  
Dos tenros filhos que captivos ficam!

« Africa — ó minha Africa adorada!  
Porque a dextra de Deus tão justa e santa  
Pezado ha sobre ti tão duramente?  
Mas antes teu deserto e aréa errante  
Que o sol abraza e torna um mar de fogo  
Onde da peste o balito se ergue...  
Antes do teu simum que tudo cresta  
E em suas longas poeirentas azas  
Abraça e envolve as tristes caravanas...  
Do que a terra que ao céu sorri-se em flores!

— « Maldição sobre quem ousou primeiro  
Cortando as ondas ao Oceano immenso  
Aportar ás tuas praias inda livre  
Para nos transportar á ingrata terra  
Da ferrea escravidão. Ah melhor sorte  
Aguardavam os nossos prisioneiros  
No baquete brutal que coroava  
A victoria dos reis. Ao menos de homens  
Era o morrer, nem transmittia aos filhos  
A vida como um cumulo de males.

« Trahido e sem vingar-me? Que justiça  
Posso ter si o juiz em réo se torna?  
E é o réo que ba de ouvir as minhas queixas?  
Que vingança tomar si a furia expostos  
Ficam-me os filhos que innocentes pagnem  
A vingança cruel que inspira a mente,  
Justiça para mim, para elles crime.

« Pois hem o céu me vingue! A Deus eu peço  
Atróz vingança á affronta do marido!  
Conceba a infame do senhor que a goza  
Um filho que fatal aos brancos seja  
Fazendo entre elles nunca vista guerra:  
— Delles me vingue o seu e o meu sangue!  
Meus filhos, somos livres! A Palmareis!  
Perdeis a mãe — ganhaes a liberdade!  
Lá — fonte de mel, fonte de leite,  
— Livre rede de amor — berço de vida  
Que jamais manchará com sopro impuro  
A negra servião — perfidia humana  
Nova Africa feliz, mais venturosa,  
Maldicta inda não foi do padre eterno!

Disse e tomando os filhos pelos braços  
Por entre densas selvas se enredara,  
E lá entre palmareis deu começo  
A' colonia fatal dos africanos  
Que incremento ganhou em quanto o fructo  
Do infausto amor da esposa ia crescendo.

Ouviu-o o céu, que o protegeu na fuga,  
E a vida dilaton-lhe porque visse  
A pevida vingança satisfeita;  
Acclamado zumbi, eil-o que escuta  
Já no leito da morte, entre seus filhos,  
Pregoeiro veloz que entra clamando:

— Cahiu Iguarassú; a vida e o saque  
Pagaram a intrepidez dos defensores;  
Rio Formoso se rendeu á morte:  
Bom Jesus, Nazareth e Parahyba,  
E Itamaracá, e Emilia e o Norte  
Tudo existe em poder de estranha gente...  
Fragéis mulheres, velhos e crianças  
Tropeçando em ruinas e destroços,  
Entre nuvens de pó, de fogo e fumo,  
— Calabar! Calabar! bradando fogem!

Ergueu o negro aos céus os alvos olhos,  
Poz as mãos em oração, sorriu-se e disse:

— Deus é justo! A vingança ouviu meus votos!  
Morro contente...

Volveu no extremo arranco á eternidade.  
E reabraçando os filhos

## CONTOS Á LAPIS

(TOUT DE SUITE)

Foram os primeiros olhares que vieram ferir o meu incauto coração, na manhã alegre da vida— primeiro raio do sol que ao despontar viera beijar as pétalas mimosas da flor, que a pouco deebrochara, inda oscillante na tenue haste.

Tive desde então um só pensamento, uma só moteção—amar e posauil-a. Fora o uma noite de Dezembro, que prendemos a nossa existencia, o nosso futuro com juramentos cheios de lealdade e os nossos corações a transbordarem de jubilo. Noite saudosa!

Assim passaram-se alguns acoos entre olhares e sorrisos ternos aos quaes seguiram-se arrufos passageiros, que murcharam logo á um simples osculo depositado n'aquella boquinha de labioe roeados.

Era ao meu querido Amando, amigo inseparavel dos folguedos infantis, que eu contava os motivos das minhas tristezas e alegrias fugaces.

Era elle o unico, talvez pela amizade que me consagrava, que sabia comprehender o quanto de poetico e sancto havia n'aquelle doce nome —Carlota!

A vida ia-se-me tornando de mais fastidiosa.

Só havia luz ao seu olhar, doçura ao suas falas, meiguice nos seus sorrisos. Fugira do mundo para entregar-me a ella.

Só me sentia feliz, quando a via retratada na minha alma e tinha o pensamento preso em doces recordações.

Uma manhã mandei chamar ao confidete das minhas insomnias—Amando. Logo á entrada, elle reconhecera pelas profundas olheiras e a nostalgia da minha physionomia muda, os soffrimentos de agrypnias constantes.

Expuz-lhe, então, o passo que pretendia dar — unir-me para sempre á querida Carlota.

Amando deu-me alguns conselhos de bom amigo e terminou prognosticando-me felicidades conjugaes...

Quando terminei a minha *toilette* faltavam alguns minutos para o meio dia.

O frio suor da iocerteza corria-me pelas veias; fugira-me pela primeira vez a calma costumada.

Ao despedir-me de Amando, elle dissera-me, sorrindo:

*Tens a mão fria...*  
— Mas o coração quente. E sahi.

Eram seis horas quando eu voltei para casa. Não me lembrava do que se passara, depois de saber que Carlota ia casar-se com um primo.

Andei sem saber por onde, fallei sem eaber o que dizia, olhei ignorando o que via.

Parcia-me que no coração tinha se rebeotado a cratera de um vulcão em explosões de raiva. Tal era a noticia que eu acabava de receber dos proprios labios de Carlota.

Jurei, nessa occasião, odio eterno ás mulheres, e blasphemando cbamel-as de perfidas e traidoras.

Estava ardeodo em febre. Os meus olhos tinham saltado das palpebras, saoguineos e aterradores; atirei o chapéo á nuca, tinha os cabellos hirsutos e manejava furiosamente a bengala de canna.

Amando quizera sahir á minha procura; quizera pelo minha demora o triste acocetimento e temia alguma loucura.

Entrei, finalmente em casa como um doudo, subi a escada em dois pulos e atirei-me a uma cadeira; estava cansado, quasi morto, faltava-me o ar, fugira-me a voz.

Amando correu para mim e seguiu-me na minha mão:

*Tens a mão quente...*  
— E o coração frio, disse-lhe eu.

AMILCAR XAR POT.

## RECUERDOS

*Sendo, qual era, nosso amor profundo  
Para um lugar distante m'a levaram.*

A. DE OLIVEIRA.

Por falares de flores

Lebrar-te-ás talvez que uma tarda nós fomos  
Juntos a nos contar as nossas mutuas dôres.

E a gente que passava,

Como a raposa ao vér inacessíveis pomos,  
O nosso ardente amor essa gente invejava.

Um, em frente cbegando,

Olhou-nos muito e disse: «E', certo, o pac e a filba»  
Só para envelhecer-me a idade me augmentando.

Mais outro, a maravilha

De teus labios a rir, perspicuamente encara:  
«A dentadura é falsa e com excesso brilha.»

Uma mocinha pára,

E ao vér da tua bocca a linba deliciosa:  
«A tinta, exclama, está com certeza mais cara.»

Depois de nos livrar de tal gente invejosa,

Ambos fomos buscar o sol, a natureza,  
E o mar que não maldiz das petalas na rosa.

E o vasto mar eu vi prometter com largueza

As perolas, si tu lhe desesses por ventura  
Da fabulosa bocca a encantada riqueza.

No bosque vi descer um passaro da altura

Pois teus labios julgara uma flor de liana  
Ensanguentando a eterna e uniforme verdura.

Monstruosidade mais que outros monstros immensa,

O' desengano! eu disse. Humanidade insana  
Que faz com que no mundo a todo o instante vença  
A bruta natureza á natureza humana!

JOÃO RIBEIRO.

## Estudos de Litteratura Brasileira

Laurindo José da Silva Babello

Foi o talento poetico mais valente da phae media de nosso romantismo.

E', talvez, o espirito menos devidamente aquilatado de nossa vida litteraria, onde deveria sempre ter occupado o primeiro plano.

E' neste livro incluído na terceira phase da romantica, por um simples motivo de methodo, não que elle devesse nada a Alvares de Azevedo ou a qualquer outro do tempo.

Laurindo, que foi o talento mais espontaneo, que tem existido no Brasil, em 1844, aos desoitto annos, já era poeta qual sempre se mostrou, quando Azevedo era ainda um meoino de treze annos, que principiava os preparatorios.

Norberto Silva o filia oa escola de Magalhães. E' um tremendo absurdo. Magalhães era quinze annos mais velho e começou antes; porem jamais existiram dois temperamentos tão diametralmente oppostos.

Laurindo era um talento intuitivo, espontaneo, natural, dotado de todaa

as qualidades brilbantes da intelligencia; era um *causeur* inesgotavel, um orador torreoical, um humorista perpetuo, um repentista sempre lesto, addicionado de uma singular aptidão lyrica.

Era um homem do povo, um espirito iuquieto e ambulante, um homem das ruas, das festas, a mais acabada personificação de uma classe de indoles litterarias, que já têm desaparecido de todo.

Que ha que ver com tudo isto Magalhães? — Abaolutamente nada.

Não antecipemos factos e ideias; comecemos pelo principio: — a biographia do poeta; porque este a teve num tecido de soffrimentos.

Ae condições de seu viver e de sua origem explicam nelle perfeitamente a singular juncção do lyrismo elegiaco e da satyra.

Laurindo nasceu no Rio de Jacoiro de pais pauperimos, de baixa classe, isto é, de mestiços positivos em cujas veias corria o sangue cigano. Não é embalde que se descende uma raça a tres seculos escravizada e da raça nomada, abatida e ossificadameote triste dos cigaaos, esse singular problema ethnographico.

O longo e temeroso patrimonio de

lagrimas, penetrando todo o ser pensante e emocional, se lhe transmite por bereditariedade e vae accentuar uma physionomia com os traços iodeleveis do soffrimentos.

Juntai agora a tudo isto a indigencia absoluta dos pais, a quem todo o trahalho era roubado pela atroz coocurrencia feita por estranhos ao proletario nacional; juntae ascenas de desolação que cercaram a primeira infancia do poeta; a dicionai-lhe por cima as peripecias terrires que o assaltaram durante a atribulada existencia, tudo ieso numa intelligencia de *élite*, e comprehendereis Laurindo Babello.

Elle veio ao muudo em 1826. Seu aprendizado das primeiras lettras foi feito entre innumeradas difficuldades.

Ainda na primeira mocidade foi assaltado pelo assassinato de seu pai. Conseguindo no meio de grandes embaraçoes entrar para o seminario de S. José, onde chegou a receber orlens menores, teve de abandonar a carreira ecclesiastica, por intrigas que lhe moveram padres influentes daquell tempo, invejosos do seu talento oratorio, que os iria a todos eclipsar.

Tentou, então, a carreira das armas, matriculando-se na Escola Militar, que teve de deixar, por haver escripto umas satyras contra o director.

Pôr esse tempo, baldo inteiramente de recursos, passou pela provação do assassinato de seu unico irmão. Matriculou-se na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Neste interim, fallecethe a mãe, e enlouquece-lhe a irmã. Deixa a academia por falta absoluta de recursos.

Encontra a mão caridosa do Dr. Saustiano Vieira Souto, que o leva para Bahia, em cuja academia matricula-se.

Morre-lhe então — a irmã e com ella se acaba inteiramente a familia. Alguns dão a morte da irmã de Laurindo como anterior á de sua mãe e quando o poeta estava ainda no Rio de Janeiro. Ha engano. O poeta perdeu desastradamente o pai, depois por igual modo o irmão, depois a mãe e afinal occorreu o passamento da irmã, já dantes louca pela perda do noivo:

O poeta estava então no Bahiu, onde pranteou a morte desse querido ente, distincto pelo coração e pela intelligencia.

O leitor me relevará entrar nestas minudencias. São necessarias para a inteira comprehensão da indole do poeta; mostram-nos como elle foi feito pela natureza e pelos acontecimentos; indicam-nos especialmente a razão occulta daquella melancolia, daquelle tom elegiaco ante ao qual as tristezas de Azevedo, Lessa, Bernardo e Andrada — são brinqueados de crianca.

Laurindo teve a melancolia oegra, proxima da loucura, que o não assaltou pela elasticidade pasmosa de seu temperamento.

Dani esse duplo estado de depressão que se exhalava em suspiros e de colera que se traduzia em satyras.

Conheceu tambem o terreno intermedio das faccias e das pilherias.

Formado, a fortuna não lhe sorriu; estabelecido no Rio de Jacoiro, não achou clinica. Teve de seguir como medico do exercito para o Rio Grande do Sul. Voltando á Côte, mais tarde seguiu o mesmo destino até 1863, quando deram-lhe um lugar de professor no curso anexo á Escola Militar desta capital.

Pouco aproveitou dessa ultima posição, pois falleceu em principios de 1864 aos trinta e oito annos de idade.

Laurindo era um desses talentos de acção directa e pessoal, que mais se apreciam pelo contacto immediato.

Essa casta de intelligencias são essencialmente perdularias e descuidadas. Produzem todos os dias, aos fragmentos, desbaratando as proprias forças. E' gente que não se concentra para edificar alguma cousa que persista.

Em palestras, discussões oraes, discursos de occasião, improvisos poeticos malbaratou Laurindo as suas faculdades.

Tinha seu cenaculo constante onde se distinguiam homens, como Castro Lopes, Pires Ferrão, Eduardo de Sá, Ferreira Pinto e sobre todos Constantino Gomes de Souza, tão infeliz como elle.

De passagem, devo aqui notar que a gente cá do Rio, em tratando dos amigos que cercaram o poeta fluminense, occultam sempre o nome de Constantino de Souza, o mais illustre de todos!..

E' que o pobre e aisudo moço era um simplea provinciano, tinha o crime de haver nascido em Sergipe e não adulara os prepotentes do dia... E' castigado por isso.

Laurindo, além de dissipar o seu talento, não teve cuidado em salvar o que escreveu, nem de reunir o que publicou pelo ajoraaes. Por isso se perderam delle poemas e dramas e correm anonymas pelos jornaes muitas produções suas.

Estamos reduzidos para o julgar ao pequeno volume de poesias editado por B. L. Garnier em 1876 e alguns outros trabalhos aliunde colhidos.

Quanto á parte inedita de sua acção sobre quantos o conheceram, tenho interrogado directamente a tradição.

Mais de vinte pessoas intelligentes, illustradas e insuspeitas tenho interrogado sobre Laurindo. Feliz ente! — Nuca ouvi gabar tanto um moço, um pobre diabo, que não deixou descendentes. Esse testemunho colhido da tradição quero eu aqui depolo em honra ao genial poeta.

Todos me fallam delle commovidos, assombrados por tão descommunal intelligencia, sempre lesta, sempre prompta, espontanea, aligera, posta em provas continuamente na conversação, na oratoria, em discussões de todo o genero, em toda a casta de improvisos poeticos em todos os estylos, serios, satyricos, humoristicos, galhofeiros ou até pornographicos.

Era uma inundação perenne de força e graça, um desperdicio de calor e seiba. O mais adoravel dos bohemios ladeado de peregrino talento e de bondosa alma.

Do *causeur* e do orador não resta mais nada alem do testemunho dos contemporancos; do repentista quasi nada nos ficou.

No improviso poetico elle não excedia Moniz Barretto; ultrapassava-o na palestra e immensamente na oratoria; pois é preciso que se saiba que o repentista habiano não possuir o dom da palavra.

O fluminense o sobre-pujava tambem na satyra e no talento lyrico.

Tal a razão pela qual os versos meditados de Moniz Barretto são fracos, ao passa que de Laurindo restam-nos algumas poesias que entram afoita mente no numero das mais bellas que se têm escripto na America.

Neste numero se contam: O que

são meus versos, O meu segredo, O genio e a morte, A linguagem dos tristes, A morte de José de Assis, Sobre o tumulo de Labatut, Adeus ao mundo, A minha vida, Amor e lagrimas, Saudade branca, A Bahia, Amor perfeito, Dous impossiveis, Não posso mais...

Laurindo foi um lyrico; seu lyrismo teve duas manifestações principaes: uma elegiaca, inspirada pela tristeza incuravel de sua raça e de sua vida social; outra satyrica, inspirada pela ironia, manifestaado-se iracunda ou galho feiramente.

Esta ultima parte anda quasi toda inedita. Não teaholazeres para procural-a; conlieço a todavia até certo ponto.

Da outra maifestação, a elegia, temos boas amostras no volume a que me hei referido.

Na poesia de Laurindo os predicados principaes são: —simplicidade e clareza de forma, verdade do sentimentos, riqueza de idéas, formando o todo um estylo pessoal, alguma cousa, que o separa dos outros poetas do tempo.

Conecemos pelo que o poeta nos deixou de mais ligeiro, de mais siagelo.

Eis as suas sensações e impressões diante de um *Amor perfeito*:

Seccou-se a rosa... era roaa;  
Flór tão fraca e melindrosa.  
Muito não pôde durar.  
Exposta a tantos calores,  
Embora fossem de amores,  
Cedo devia seccar.

Porém tu, amor-perfeito,  
Tu, nascido, tu affeito  
Aos incendios que umor tem,  
Tu que abrazas, tu que inflammas,  
Tu que vegetas nas chammas,  
Porque seccaste tambem?

Ah! bem sei. De accesas fragoas  
As chammas são tuas aguas,  
O fogo é agua de amor.  
Como as rosas se murcharam,  
Porque as aguas lhe faltaram,  
Sem fogo murchaate, flór... (1)

SYLVIA ROMÉRO.

(1) Omitte-se o resto da poesia por brevidade. Vejam-na no volume.

## AMOR E TADIO

O pardieiro peor  
E' um palacio de fadas  
De sumptuosas arcadas,  
Quando nelle habita o Amor.

As paredes derrocadas  
Tem o esplendente fulgor  
Que lhes empresta o calor  
Das almas apaixonadas.

Mas, si em assaltos subtis  
Chega o Tadio traçoieiro  
E a vida torna infeliz,

Um palacio todo inteiro  
D'ouro, esmeralda e rubis  
E' peor que um pardieiro.

OLIVEIRA E SILVA.

## DIA DE GALA

Era duplamente dotada de fibra e de imaginação; com este apparelho arma-se uma creatura terrivel; terrivel ou deliciosa: pontos de vista. Para completar, moça e viuva.

A viuvinha soffria, assim, de uma viuvez carnal, saudade organica do esposo (esposo aqui em genero, não em caso) como deve padecer a roda dentada, da ausencia absurda da engruagem conjugante.

Era religiosa. No extase da creação, offerencia aos nubes do oratorio o sacrificio difficil dos seus desgostos.

Na restricta pobreza dos recursos de costureira por meio de vida, faltavam-lhe divertimentos. Ella morava alli, no largo do Paço, naquella casa de perspectiva secular que parece como uma hoia velha antiquissima debruçar-se para a gente a contar historias do Sr. D. João VI, que Deus tenha. Valia-lhe de prazer o panorama do mar e por excepção, na monotonia da vida, as procissões do Carmo e as paradas de grande gala.

As procissões produziam-lhe um meio enlevo beato, agradável como uma baforada de incenso, mas triste no fundo como em geral as solemnidades ecclesiasticas parecidas todas com um funeral O seu melhor prazer eram as paradas Fazia-lhe gosto á viuvez solitaria ver em massa tantos homcas fortes.

As dragoas, sacudiendo ouro aos homiros de alta patente, as bayonetas scintillando á grande gala do sol, percorridas de fremitos incertos, como uma seara metallica, os pennachos cor de rosa da officialidade, arrufando as pennas como aves guerreiras sobre as barretinas e a temerosa cavallaria, mascando impaciencia, transpirando espuma sob os arreios, os possantes corseis apeados de estatuas equestres. E o tinnir secco das bainhas contra as esporas e as vozes nervosas impertinentes de commando, na bocca de capitães obesos e as salvas á hora do beijamão, na marinha de guerra e nas fortalezas. O rumor, o espectáculo produziam-lhe estrauo abalo. Ella pensava em combates, multidões armadas atropellando-se, desaparecendo em fumo, surgindo em sangue; pensava nos acampamentos cobertos de tendas e marnitas; deixava-se levar na meditação imaginadora a conceber a reacção de amor selvagem dessas populações nomades sem familia, depois de uma jornada de morticinio; pensava nas mulheres do campo dos lugares por onde passa um exercito e nas vivandeiras moças; pensava com terror lascivo aas cidades entregues ao saque, em que os soldados acham que vale a pena poupar a vida ás mulheres; occorria-lhe um episodio da campanha russo turca, citado no *Jornal do Comercio*: quarenta mulheres victimadas por um batalhão inteiro, num paiol abandonado, entre ellas uma de doze annos apenas... á medida que passeiava ao longo das filas um binoculo de theatro, visitando a infinidade de caras, bronzes fundidos na soalheira das marchas.

Não foi, porem, na predisposição commum que a aurrehendeu aquella data: dois de Dezembro. Sentia-se preza de um mal estar indefinido, um alvoroço no organismo que a inquietava

como a imminencia de uma crise, um desaaçoego de espirito que lhe tolhia a attenção para o trabalho, impossibilitando mesmo que lhe morasse no cerebro por dois segundos a mesma idea, impetos de choro sem causa, vontade louca derolar no chão em assomos de convulsões.

Dois de Dezembro, cortejo no Paço da cidade.

Era um presente de ceu aquella data, pensava ella desfolhando o calendario á parede. Pertencia-lhe a grande gala O que em outra occasião fora um divertimento, naquella dia, era uma necessidade; naquella dia, distrahir-se era um curativo.

As onze e meia já lá estavam os peletões em forma. Pelas objectivas do binoculo começou a passar a tropa sucessivamente, em revista *sui generis* da curiosidade feminina. Uma por uma succediam-se as caras da soldadesca em cerrada continuidade de galeria numismatica. E do sotão ignorado cahiam, chuva de rosas sobre as fleiras, olhares de sympathy tão bons, tão expansivos, que fariam esquecer o serrafila ao galucho basbaque que os collesse no ar.

Tinham decidida preferencia as phisionomias duras, viris, douradas a fogo pelo verão das campanhas, riscadas de preto no vinco das rugas, indelovel gravura do rictus de severidade marcial que é como o uniforme dos rostos. Mas, que interessante variedade! a: faces deformadas por um gilvaz glorioso e devastador, outras picadas de variola em caprichosas graulações de carne; cá, um semblante de criança grande olhos negros, sobre malares proeminentes do Norte, nadando em candura, ao lado da bayoneta feroz; mais além, uma cara branca, crivada de sardas, sobrancelhas louras asperas; algumas reclamando a haixa do serviço activo na expressão morbida; em compensação, algumas apoplecticas, suffocadas na gravata de couro como no laço de uma forca.

A viuva olhava como se aspirasse de longe a emanação do panno grosso das fardas suarentas, humidas ás axillas e na constricção dos talias.

Depois o binoculo visitava os officaes. Era outra cousa. A rudez militar suavisava-se geralmente em phisognomias elegantes, pelles aristocraticas amaciadas na eincura das commissões de paz, carinhas guardadas em algodão e perfumadas para a ostentação opportuna das paradas, altivas, sobre a plebe do exercito, como lambrequins do luxo sobre uma torre de ferro, militares de aalho meigos e amaveis que possuem palas de turtaruga para a rua do Ouvidor e frascos de brilhantina para a perpetua frescura do bigode; soldados queridos de outras mulheres, não della, dessaa mulheres masculinaa que desejam no homem o desconto do quo no proprio caracter ha de mais. Ella preferia os officaes de grosso tracto, que lembravam o marido, um bravo do Paraguai, quo lhe morrera nos braços não sei porque, talvez meano porque ella o amara muito.

La por estas conjuncturas quando o binoculo parou sobre o rosto do capitão Mauro, do 13º, fornado alli, aob as janellas do Paço.

Fazia um tempo admiravel. A pobre solitaria bebia tentações no ambiente da praça, sobre a florescencia de sangue dos *flamboyants*.

Formosa era ella. Não achava segundo marido por muitas razões, a primeira: por essa deacoafiança que persegue as bellas viúvas, muito razoavel em theoria,mas injusta de facto. Muitas razões ou, pôde ser, simplesmente para dar assumpto a esta narrativa.

Foi um relampago.

— Emilia!

Emilia era a creada, trefegasiã e esperta. Discreta ou não, no momento convinha que fosse. Foi-lhe confiado este bilhete em letra miuda e nervosa, este laconico bilhete:

« Hoje, ás quatro horas, Sr. capitão, espere-o alguém na rua... n... para dizer-lhe duas palavra amáveis.»

O logar do encontro era a casa de uma amiga ausente, de que tinha a chave a viuvinha.

A nossa heroína esperou que a carta tivesse partido para arrepende-se, mas o arrependimento foi vivissimo. Atterrou-se com a imagem da temeridade a que se arrojava. Ella conhecia o capitão Mauro, frequentador da casa nos tempos do marido. Um homem atrevido, audaz para todas as emprezas, na sua construcção de aço e saúde. Estava sinceramente arrependida. Traaquillisou a, felizmente, o *alea facta* dos supremos apertos, acolytado pela ponderação de que não custava nada deixar o capitão hater com o nariz na porta.

Emilia tinha ordem de acompanhar o batalhão no fim do cortejo e entregar a missiva no quartel.

A viuva avistou ao largo a criada insinuando-se pela multidão. Viu sair o imperador, no coche de ouro, para S. Christovão, com os seus Polichinellos sóvados de librê verde e galões largos á trazera e os empoeirados jockeys, dirigindo a atrelagem, de corpete curto, camisa a mostra, sobre o cós dos calções e a cavallaria lascando a calçada com a violencia do galope; viu afaal desfilhar a tropa musica a frente. Nunca lhe pareceram tão verdes as baadeiras cobrindo os pelotões, abertas amplas ao vento do mar.

Depois, distrahidamente foi ao guarda-roupa e tirou uma pequena mascara que lá estava, velha lembrança de um baile. Com a thesourinha poz-se a cortar o velludo, alargando o rasgo dos olhos o mais possivel; deixando hastante panno, comtudo, para que não a reconhecesse o capitão Mauro. Pobrosinha! Como si já não estivesse decidida a afogar brutalmente no peito mais aquelle sonho culpado...

Apesar dos impedimentos possiveis da disciplina, o nosso official á noutinha, mandava apalpar as dragonas perguntando se não sentiam ainda o metal quente—da insolação do cortejo, é possível; mas provavelmente de um collar de braços nus que o haviam estrangulado. Agora é que sei, notava mais, o que é ter amor á farda.

E muito tempo depois, entre outras boas historias de sachristia, um padre do Carmo contava, sem violação do sigillo, o que ceita confissão lhe dissera de um dia de gala na monotonia triste da viuvez.

RAUL POMPEIA.

## 31 DE OUTUBRO

E' tarde. E eu penso em ti... No branco mostrador  
Do relógio, que marca indifferente a hora,  
Eu vejo vir subindo a rosea e fresca aurora  
A cuja luz terás mais uma pet'la, flor!

Na corolla gracil da tua vida. E enquanto  
A pendula murmura em lentidão, discreta,  
No silencio da sala, a doce nova; a setta  
Dourada da illusão vara-me a Idéa: — A um canto

Vejo-te alegre e meiga a me sorrir, e a ler  
Nos meus olhos o sonho, o sonho rosicler  
Do atrevido Ideal que eu busco e que me illude.

E vejo a tua mão longa, morena e fina,  
Esfolhar sobre mim a candida, a divina  
Corolla virginal da tua juventude.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

Recife.

### O combate da passagem da Laguna

Guerra civil do Rio Grande do Sul

(Conclusão)

Era a 15 de Novembro ao romper do dia.

O chefe da expedição fez immediatamente publicar uma ordem do dia dividindo a força em duas divisões: a primeira, a da frente, composta de tres canhoneiras, ns. 13, 14 e 6, commandadas pelo primeiro tenente Francisco Pereira Pinto, actual Barão de Ivinheima, official valoroso e activissimo, o segundo tenente Manoel Moreira da Silva, valente e experimentado homem do mar, e o primeiro tenente Francisco Luiz da Gama Roza.

A essa primeira divisão também pertenciam quatro lanchões commandados: os de ns. 1 e 2 pelos guardas-marinhas Antão José Pereira Leal e Joaquim Rodrigues da Costa, jovens officiaes apenas sabidos da academia, e que, nosse combate, fizeram a sua estréia; e os lanchões ns. 3 e 4 pelo piloto-escrivão José Manoel da Silveira, um gauchio iatrepido, official de cavallaria, e o patrão Bernardino Antonio de Souza, habil marinheiro.

A' respeito dessa primeira divisão diz o seguinte Mariath: « Bem conhecia eu a que perigo ia expor esses meus companheiros de armas; mas, muitas vezes é necessario sacrificar os mais bravos para alcançar o bom exito de um empreza arriscada.»

A segunda divisão era composta dos brigues-escunas Eolo commandado pelo primeiro-tenente Antão José Francisco da Paixão e Cometa pelo capitão-tenente Bernardino de Senna e Araujo, que, como vimos, salvára o seu navio do inimigo, na Laguna; dos patachos Desterro commandado pelo segundo-tenente Marcos José Evangelista, e S. José pelo piloto José de Jesus, o mesmo que se batera gallhardamente na Laguna, recusando render-se aos disidentes; das escunas Bellico commandada pelo primeiro-tenente Manoel José Vieira e Bella-Americana pelo primeiro-tenente João Custodio d'Houdain,

Refere Mariath (1) haver mandado simular um desembarque no cabo de Saata Martha pelo brigue escuna Caliope commandado pelo primeiro-tenente Augusto Cesar de Castro Menezes e patacho Patogonia pelo primeiro-tenente Jorge Ottoni; cremos, porém, que o iaimigo considerou esse desembarque verdadeiramente como simulado, porquanto não se moveu, sabendo perfeitamente ser impossivel nessa occasião desembarcar, quer ao sul do cabo em vista do mar agitado ainda pelo vento sudoeste, dos dias anteriores quer ao norte do cabo, em consequencia do rijo nordeste que então soprava.

Na já mencionada ordem do dia, havia o chefe determinado que, ao chegar-se a barra da Laguna, a divisão da frente forçasse a dita barra, quebrando as correates e removendo todos os obstaculos, « fazendo cada um o que pudesse, » palavras com que terminava a ordem do dia.

Todos esses navios fizeram-se a vela da enseada de Imbituba com um vento nordeste fresco, siugrando na direcção da barra da Laguna, e, ao ser esta avistada, appareceu o signal de forçar a barra.

Era cerca de duas horas da tarde; o vento nordeste augmentara muito; as aguas corriam com impetuosidade em direcção á barra, e, devido a essas circumstancias, muito raras, a profundidade do canal tornara-se consideravel, ate o ponto do poder dar entrada a navios de 12 e mesmo 14 palmos, o que é caso muito extraordinario nessa barra.

Do lado de terra, o inimigo, ao avistar a esquadrilla, tomou todas as disposições: além da fortaleza armada de seis peças e convenientemente guardada, Garibaldi fundou as suas embarcações na mesma linha e prolongamento da fortaleza, collocando 1.200 homens de infantaria estudeidos em linha, desde o forte pelo prolongamento da montanha até a praia, concentrando toda essa força n'uma extensão de 300 ou 400 braças, de modo a acompanhar a sinuosidade do estreito canal por

(1) Artigos publicados no *Correio Mercantil*, em Novembro e Dezembro de 1860

onde inevitavelmente teria de paesar, muito rente, a esquadrilla.

Não havia correntes na barra; é certo que Canabarro dera ordens nesse sentido; mas, Garibaldi julgára isso desnecessario á vista das grandes difficuldades naturaes do logar.

Em presenca do signal do navio chefe, de que precedentemente fellamos, para forçar a barra, a primeira divisão fez força de vela afim de occupar o seu logar na freato demorando a segunda a sua marcha de modo a collocar-se á distancia de seis amarras da primeira. Todas essas embarcações oram pequenas e teriam, ao todo, cerca de 300 praças. (2).

O chefe Mariath tinha o seu pavilhão no Eolo, e, durante todo o combate, intrepidamente conservou-se n'um ponto muito vizivel e exposto da embarcação, em pé, sobre a retranca.

Os navios formaram em linha, e, ao approximarom-se fortaleza, rompeu ella o fogo, sendo vigorosamente respondida por estes.

Dahi por diante paesou em cada navio um sopro de destruição; foi mais do que um combate, foi um turbilhão; os navios avançavam com velocidade regular, tocados pelo vento o maré, através de uma tempestade de balas, aesse espaço de 400 braças onde se achavam concentrados os fogos de 1.200 homens de fuzilaria e a metralha de grande numero de canhões jogada á queima roupa, a tres ou quatro braças de distancia, a peito descoberto, sobre aavios aem borda.

Assim foi que em quinze minutos apenas de fogo, que tanto dureria a passagem de cada avio, perdeu a esquadrilla, entre mortos e feridos, cerca de um terço de sua tripolação, chegando as embarcações no porto da Laguna desmanteladas, com os apparelhos rotos e grandes avarias no casco. O iaimigo, por sua vez, havia sido quasi litteralmente destruido; Garibaldi traça do facto uma descripção muito nitida: « O combate foi terrivel e mais mortifero do que poder-se-ia crer. Não perdemos muita gente porque mais da metade da guarnição estava em terra; entretanto, dos seis officiaes existentes nos tres navios eu fui o unico que sobrevivi. Todas as nossas peças foram desmontadas; mas ainda depois de desmontadas as peças, o combate continuou á espingarda, e não cessamos de atirar durante todo o tempo em que passou diante de nós o inimigo... Era um verdadeiro açougue de carne humana; pisava-se sobre bustos separados dos corpos; a cada passo tropeçava-se em membros dispersos. O commandante da *Itaperica* João Henrique de la Laguna achava-se deitado, no meio dos dois terços da sua equipagem com uma bala que lhe fazia, no meio do peito, um buraco capaz de passar um braço. O pobre João Griggs ficára

(2) Além dessa força de 300 praças, não havia a bordo dos aavios nenhuma outra de abordagem ou desembarque, como tem-se dito. Convenha ainda rectificar outro ponto. Mariath diz na participação ao presidente da provincia que as perdas do combate da passagem da Laguna foram de 17 mortos e 35 feridos, e, nos artigos publicados no *Correio Mercantil*, refere terem ellas sido de 51 mortos e 12 feridos. Esta differença notavel só pôde explicar-se pelo prejuizo da estylo de guerra de occultar-se nas publicações, na occasião, as perdas experimentadas. Isso constituiu uma pratica quasi geral. Mas, ainda assim, a derradeira estatística apresentada por Mariath não é re-strictamente exacta, porquanto, depois do combate, quando os dados elleavam-se ainda recentes, passou entre os officiaes, como consta corrente, que a perda entre mortos e feridos havia sido de cerca de um terço dos combatentes. E' este o numero que mentemos.

com o corpo cortado em dois por um tiro de metralha, recebido á queima roupa. Em presença de semelhante espectáculo, apalpei-me, e perguntei a mim mesmo como, não me tendo poupado mais do que os outros, havia podido permanecer intacto.»

Seriam cerca de cinco horas da tarde quando ancoraram dentro do porto da Laguna as divisões, sendo o ultimo navio a entrar o commandado pelo capitão-tenente João Maria Wandenkolk que tendo ficado em Imbituba, reparando diversas avarias, que mencionamos, viera digna e voluntariamente reunir-se á esquadriha.

As forças do exercito só chegaram na villa da Laguna ao anoitecer; vinham muito retardadas, apesar de terem andando as ultimas horas a marche-marce por movimento espontaneo dos soldados, ao ouvirem o canhoneio da esquadra que atravessava a barra.

Logo após a entrada da esquadriha, o inimigo tocou a retirada, incendiando Garibaldi os seus navios.

Sem o menor motivo, e apesar das reclamações e censuras da marinha, a brigada, que contava aliás commandantes de batalhão e officiaes distinctissimos, permaneceu inertemente na villa da Laguna, sem por nenhum modo incomodar os dissidentes em sua retirada.

Esse facto singular causou estranheza ao proprio inimigo, como se vé nas *Memorias de Garibaldi*.

Só no passo do Camacho, lugar pouco distante da Laguna, o general Canabarro permaneceu dez dias.

Taes são os factos principaes do notavel acontecimento a passagem da Laguna, que poz termo no litoral da provincia de Santa Catharina, á invasão republicana rio-grandense.

DR. GAMA ROZA.

## A PYRAUSTA E O HOMEM

AO DR. SYLVIO ROMERO

A pyrausta na chamma reluzente,  
Na luz que é vida e sabe fascinal-a,  
Si buscando-s, encontra-a e doída a beija,  
Gemidos tristes, ais de dór exsbia.

Rozlhe come logo o fogo ss azas,  
E s liberdade assim; depois as partes,  
Fragris membros, com que poisa e anda,  
Tscteia a treva por divinas srtes.

E quando emúm a morte s immobiliza,  
Quando regres a so nads de que veio,  
Empó na terra de si propria encontra,  
Azas e membros e o fatal enleio.

Epyranstis foi sempre a humanids,de,  
Que buscs na illusão mais casta e pura,  
Em seus desejos uma vez compridos,  
A chamma que ha de abrir-lhe a sepultura.

AVELLAR BROTERO.

## THEATROS E DIVERSÕES

THEATRO LUCINDA

Realizou-se no dia 1º do corrente a 1ª representação da espirituosa operetta de Au-bran—*A filha do Senescal*. Tem um enredo chistosissimo e além de muito

bôa musica, que a recommenda, é perfeitamente desempenhada. Tudo, p. o. s. augura-lhe excellente carreira.

DERBY-CLUB E JOCKEY-CLUB

Tiveram logar no dia 2 e 24 do corrente mez, com grande e luzida concurrencia, as magnificas corridas d'estes dous clubs, que se effectuaram na melhor bôa ordem.

CLUB DOS PENIANOS

Quem conhece o esmero com que esta acreditada sociedade faz sempre suas festas pôde avaliar o que foi o esplendido baile do dia 3 do corrente, que correu com extraordinaria animação.

FESTA ESCOLAR

COLLEGIO UNIVERSITARIO FLUMINENSE

Teve logar no dia 4 do corrente mez a festa de encerramento de aulas d'esta importante casa de educação, uma das meliores da capital, já pelo sua excelente situação, já pelo incansavel zelo do criterioso educador que a dirige.

Os exames e exercicios pedagogicos que se effectuaram na primeira parte da festa foram prova bastante do quanto avançamos.

Na segunda parte, depois do discurso do digno director o Sr. Affonso Herculano de Lima, procedeu-se á distribuição dos premios.

Na terceira, concertante, distinguiram-se, a par dos professores Porto Junior, Horacio Fluminense e Queiroz, as eximias pianistas e professoras do collegio e as Exmas. Sras. D. Esmeralda Marques D. Emilia Lima.

A todos quantos assistiram a essa festa deve ter ficado grata impressão do labor perseverante e intelligente que dirige aquelle exemplar instituto.

## Diversas Publicações

CONTEMPORANEAS, poesias de Augusto de Lima, acompanhadas de prefacio por Theophilo Diss.—Typ. de G. Leuzinger & Filhos.

Verdadeiro acontecimento litterario é o apparecimento deste livro, cujo autor se nos patentea legitimo e genuino representante da raça dos grandes poetas.

Em outra secção que em breve apparecerá nesta folha, sob o titulo de *Notas bibliographicas*, emitiremos nosso juizo ácerca do precioso livro de Augusto de Lima.

MEU ALBUM, contos de Pardal Mallet.—Pernambuco.

JUDITH E LAGRIMAS DE UM CRENTE, contos de Adolpho Caminha.—Typ. da Escola, de Serafim José Alves, Editor.

EPISODIOS MILITARES da guerra do Paraguay, por Joaquim Silverio de Azevedo Pimentel.—Typ. de A. Santos.

O livro é precedido de uma carta proemial, devida á autorizada penna do Dr. A. de Castro Lopes.

TRIZE ANOS DE MAGISTERIO no Rio de Janeiro, 1875 a 1887.—Apontamentos para a historia da educação nacional.—Typ. de Laemmert & C.

Acha-se colligido neste livro quanto se tem publicado na imprensa do Brazil ácerca do instituto de educação dirigido pelo Dr. Menezes Vieira.

O livro consta de duas partes:—*A Imprensa e o Collegio Menezes Vieira; Trabalhos didacticos do mesmo collegio.*

REVISTA DE ESTRADAS DE FERRO, publicação mensal sob a direcção do Engenheiro civil Francisco Picanço.—Anno III.—N. 35.

Eis as materias do numero distribuido:—Segundo Congresso Internacional das Estradas de Ferro.—Prolongamento da E. F. d'Oeste de Minas.—Estatutos da Associação Internacional do Congresso de Estradas de Ferro.—Estradas de Ferro.—Varios estudos.—Comissão do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, na Europa e nos Estados Unidos da America do Norte.—Zona privilegiada—Circular ás companhias de estradas de ferro.—E. F. do Norte.—E. F. Leopoldina.—E. F. Santa Lucrecia.—Medalha humanitaria.—Orçamento para estradas de ferro.

O BRAZIL-MEDICO, revista semanal de medicina e cirurgia, sob a redacção e gerencia do Dr. Azevedo Sodré. Anno I.—N. 45.

Os trabalhos do presente fasciculo constam do seguinte summario:

*Trabalhos originaes*:—Nota sobre um caso curioso de clinica—Erros e difficuldades de diagnostico—Discussão a respeito—E' possivel caracterisar-se nosologicamente a molestia chamada por PEAN—*peritonite gelatinosa?* pelo Dr. Julio de Moura.

Maturidade da cataracta, pelo Dr. David Ottoni.

*Sociedade de medicina e cirurgia*—Um caso de kysto dermoide da pleura direita, pelo Dr. Julio de Moura.

*Revista medica estrangeira*:—Do poder antiseptico e toxico do Naphtol, pelo Professor Bouchard (*Académie des Sciences*, 24 Octobre 1887.)

*Guia Pasteur* sobre a vaccina da raiva. *Folhetim*:—Uma empreza industrial que não deve ser esquecida pela classe medica. Os Drs. Felicio dos Santos e Jaguaribe Filho, medicos e industriaes. Em que se prova que muita cousa que nos vem do estrangeiro pôde ser facilmente fabricada entre nós. Pede-se que os interessados não sejam surdos ao esforço brazileiro neste sentido.

Noticiario.

O GUARANY, de José de Alencar; nítida e illustrada edição publicada por Silveira & Guimarães, á rua dos Ourives, 34.—Fasc. n. 7.

OS ANTRÓS DE PARIZ, romance de Xavier de Montépin, edição publicada pela importante casa de David Corazzi.—Fasc. n. 3.

O OCCIDENTE, *Revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*.—10º anno.—Vol. X.—N. 320.

REVISTA DO OBSERVATORIO, publicação mensal do Imperial Observatorio do Rio de Janeiro.—Anno II.—N. II.

Contem os seguintes trabalhos: Observação da Passagem de Venus, em 1882 pelas commissões brasileiras. Os meteoros de 13-14 de Novembro.—Novos planetoides.—A luneta astronomica.—Memorie della Società degli Spettroscopiste italiani, raccolte e pubblicate per cura del prof. P. Tacchini. O Cometa Olbers-Brooks.—Photohelographo.—Dez annos de progresso da astronomia (1876-1886).—Revista das publicações.—Aspecto do céu para o mez de Dezembro.—Revista climatologica do mez de Outubro de 1877.—Diario meteorologico do mez de Outubro de 1887.—Resumo das observações meteorologica feitas no Imperial Observatorio no mez de Outubro de 1887.—Resumo das Observações meteorologicas feitas no mez de Outubro de 1887 em Santa-Cruz.—Observações simultaneas.

OBRAS COMPLETAS de Camillo Castello Branco, com illustrações de Condeiva Heitor & Lallemand.—Edição da casa—Campos & C.—de Lisboa, com a filial do Rio de Janeiro á rua do Hospicio n. 57. Fasciculo n. 4.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotero, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51.—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Typ. d'A Semana, r. do Ovidor, 45, sobrado